

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : do Gherao

CLASS. : 1430

DATA : 21 01 90

PG. : 14

O GLOBO

Domingo, 21 de janeiro de 1990

Vazia, Boa Vista é o sinal da resistência

LÚCIA TORÍBIO
Enviada especial

BOA VISTA — A Capital de Roraima está “blefada” — expressão que os garimpeiros usam para falar do barranco ou pessoa que não tem ouro. Os hotéis vazios e as lojas de equipamentos de lavra, ociosas, denunciam o suspense que ronda a cidade. Nas boates, ninguém chega “bamburrado”, o oposto de “blefado”, pronto para gastar, numa noite, até NZC\$ 4.000,00, despesa individual comum até o fim de 1989.

O vazio da cidade indica o fracasso da operação de retirada pacífica dos garimpeiros, que insistem em permanecer nas terras ianomamis.

Quem passa pela sala VIP do aeroporto, transformada em posto de triagem da Polícia Federal para avaliar os resultados da retirada espontânea, não são os garimpeiros que antes desembarcavam para descansar do trabalho selvagem, desfrutando, a qualquer preço, das delícias da cidade.

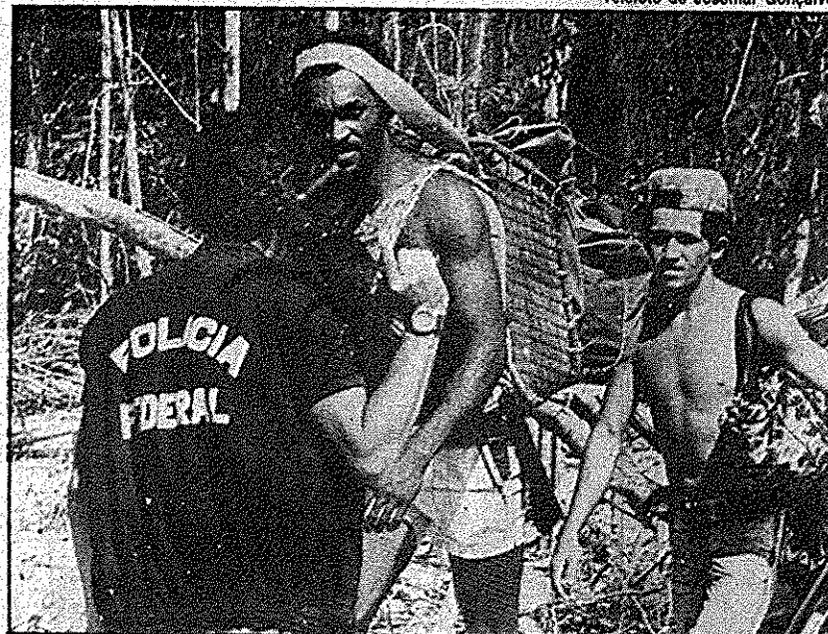
Hoje, quem chega traz a malária, a falência ou a decisão de se recuperar e conseguir um caminho até um barranco novo, o mais longe possível dos policiais.

Se é correta a informação da Polí-

cia Federal de que os garimpeiros estão cumprindo o acordo e já deixam as terras dos ianomamis, certo também é que esses homens não têm como destino Boa Vista. Na cidade, os pontos tradicionais de concentração dos garimpeiros são poucos e bastante conhecidos. Em situação normal, nesta época do ano os Hotéis Joelma, Roraima, Central e Lua Nova estariam abarrotados. Nos primeiros dias do ano passado, as Boates Julio Iglesias e Acreana viveram seus melhores tempos de glória.

— Quando não tem garimpeiro gastando na Acreana é por que não existe garimpeiro na cidade — jura Miriam Silva da Costa, dona do Hotel Joelma. Das suas 40 camas, 23 estão vazias, o que reflete o vazio da cidade.

Os poucos garimpeiros que estão em Boa Vista, por força das pressões da Polícia Federal, não escondem sua intenção de voltar, na primeira oportunidade, à terra dos ianomamis, onde o ouro é farto. As áreas da reserva garimpeira — as mesmas ainda interditadas pela liminar da Justiça Federal, mas tratadas como legais pelos exploradores de ouro de Roraima — são apenas uma opção para voltar à selva e retornar, por linhas tortas, aos barrancos ricos das terras indígenas e não permanecer nas áreas do Catri-



Telefoto de Josemar Gonçalves

Vigiado pelo policial, homens deixam o garimpo. Voltar é questão só de chance

mani, Santa Rosa e Aracaça, consideradas garimpos velhos e fracos.

Quem teme os policiais brasileiros já se prepara para cruzar a fronteira

e explorar o ouro da Guiana. É o caso de “Tuxaua Goiano”, como alguns ianomamis tratam Antônio Soares da Silva. Ele era dono desde 1985

de um barranco de dez mil metros de extensão do Alto Parima e com a decisão da Justiça abandonou a área, vendeu seu par de motores e sobrevive em Boa Vista com uma poupança de NCZ\$ 300.000,00, que já está se esgotando. Outros garimpeiros fogem de Roraima para procurar ouro no Pará, em Itaituba.

A maioria dos homens permanece dentro da selva, de onde só saíram expulsos, garante Waldir Landre Pereira, um dos hóspedes do Hotel Joelma. Ele só espera se recuperar de mais uma malária para retornar ao Garimpo do Magnata, de onde retirou a pepita de 6,5 gramas que carrega pendurada no cordão de ouro e que só abandonou por força da doença. Com um sorriso irônico na ponta dos lábios, Waldir ouve as considerações de outro hóspede do Joelma, o pecuarista matogrossense Antônio Faria, que veio negociar terras em Roraima. Ele descreve o garimpeiro como “um aventureiro que pode ganhar na mesma proporção que perde” e teme pelo destino da cidade se continuar a insistência da retirada.

— O garimpeiro é homem de uma coragem violenta, de andar quinhentos quilômetros atrás de um bom barranco. Um homem desses, sem dinheiro, é um selvagem — define.